

Percepção do Conceito de Plágio no curso de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília

Perception of the Concept of Plagiarism in the course of Biological Sciences of the University of Brasilia

Pedro Henrique de Siqueira Ferreira Gomes(1); João Paulo Cunha de Menezes(2)

1 Biólogo, Universidade de Brasília, Brasil.

E-mail: pedrohsf.gomes@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7191-1109>

2 Doutor em Ciências, Núcleo de Educação Científica, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Brasil.

E-mail: jpaulo_bio@hotmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2566-3957>

Revista Brasileira de Ensino Superior, Passo Fundo, vol. 6, n. 1, p. 55-76, janeiro-março, 2022 - ISSN 2447-3944

[Recebido: setembro 27, 2019; Aceito: maio 8, 2020]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2447-3944.2022.v6i1.3572>

Endereço correspondente / Correspondence address

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Bloco E s/n 1º andar
- Asa Norte, DF, 70910-900

Sistema de Avaliação: *Double Blind Peer Review*

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

Resumo

Este trabalho consiste em uma pesquisa exploratória, buscando compreender a percepção de plágio acadêmico sob a ótica de discentes e docentes do curso de graduação em Ciências Biológicas da Universidade de Brasília. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram elaborados e aplicados questionários com 144 estudantes de graduação e 9 professores do referido curso. As respostas obtidas foram sistematizadas e categorizadas segundo análise de conteúdo proposto por Bardin. Os resultados indicam que os discentes sabem identificar condutas antiéticas no ambiente acadêmico, mas que, muitas vezes cometem tais práticas mesmo assim. Apontam, ainda, que os estudantes não possuem um conceito totalmente formado sobre plágio, nem sabem diferenciar formas de plágios, embora cursem disciplinas obrigatórias que abordem o assunto ao longo da graduação. Em relação aos professores, estes demonstram desconhecimento de documentos oficiais da UnB sobre má conduta científica. Tendem a falar sobre valores éticos e morais, ou sobre má conduta científica nas disciplinas que lecionam e, os que observam casos de plágio entre os alunos, relatam que esses são principalmente relacionados com cópia de partes de artigos. Dessa forma, observa-se que a prática de plágio é discutida ao longo do curso de graduação em Ciências Biológicas da UnB, entretanto é necessário realizar aprofundamento nessa discussão e buscar esclarecer as medidas a serem adotadas para evitar que essa prática se perpetue.

Palavras-chave: Ética em pesquisa. Má Conduta Científica. Plágio Acadêmico.

Abstract

This work consists of an exploratory research, seeking to understand the perception of academic plagiarism from the perspective of students and teachers of the undergraduate course in Biological Sciences at the University of Brasilia. For the development of this research, questionnaires were elaborated and applied with 144 undergraduate students and 9 professors of the mentioned course. The answers obtained were systematized and categorized according to the analysis of content proposed by Bardin. The results indicate that the students know how to identify unethical conducts in the academic environment, but often commit such practices anyway. They also point out that students do not have a fully formed concept of plagiarism, nor do they know how to differentiate between forms of plagiarism, although they take mandatory courses that address the subject throughout their graduation. In relation to teachers, they demonstrate ignorance of official UnB documents on scientific misconduct. They tend to talk about ethical and moral values, or about scientific misconduct in the subjects they teach, and those who observe cases of plagiarism among students report that these are mainly related to copying parts of articles. Thus, it is observed that the practice of plagiarism is discussed throughout the undergraduate course in Biological Sciences at UnB, however, it is necessary to deepen this discussion and seek to clarify the measures to be adopted to prevent this practice from perpetuating.

Keywords: Research Ethics. Scientific Misconduct. Academic Plagiarism.

1 Introdução

Com os avanços da ciência e a crescente difusão do conhecimento científico, emergem discussões e debates sobre a preocupação com a integridade científica, especialmente em razão de fraudes constatadas em publicações (VILAÇA, 2015). Essas fraudes também são conhecidas no meio acadêmico como *má conduta científica* ou *condutas antiéticas*.

Existem diferentes formas de expressão da má conduta científica. Alguns exemplos, segundo Sanchez e Innarelli (2012), são fraudes em exames escolares, a cópia de ideias alheias sem atribuir créditos ao autor, colaboração em atividades designadas para serem desenvolvidas de modo individual, fabricar ou falsificar dados ou bibliografias, beneficiar-se de trabalhos realizados por terceiros, entre outros.

Os trabalhos de Knobel (2003) e Claxton (2005) exemplificam casos de má conduta científica em periódicos de referência para a comunidade científica, como *Science* e *Nature*. Vasconcelos (2007) relata que esses periódicos internacionais tendem a ser rigorosos em relação à percepção de condutas desonestas. Os autores evidenciam as penalidades aplicadas para os pesquisadores que cometem esse tipo de conduta, sendo muitas vezes retratações ou exoneração.

Alguns autores (SANTOS, 2017) ressaltam que, no Brasil, o papel da criação e divulgação de diretrizes sobre integridade científica a nível nacional é desempenhado pelas instituições de fomento à pesquisa, como por exemplo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Em 2011 o CNPq criou a Comissão de Integridade de Pesquisa com objetivo de propor diretrizes para integridade científica e estabelecer penalidades em caso de condutas eticamente inadequadas. Essa comissão divulgou seu relatório (Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq) que versa sobre má conduta científica, conceitua algumas dessas modalidades e dita diretrizes para evitar condutas antiéticas na pesquisa. No mesmo ano, a CAPES também apresentou um documento para as instituições de ensino superior se pronunciando sobre casos de má conduta científica, com abordagem principalmente sobre o plágio.

Porém, o que é plágio? O plágio, juntamente com a falsificação e a fabricação de dados ou resultados, são exemplos das modalidades mais discutidas de má conduta científica (FANELLI, 2009). Na literatura não há uma definição consensual para o termo, pois os conceitos apresentados pelos pesquisadores dedicados ao assunto convergem e se complementam, permitindo um amplo entendimento para tal expressão tendo como base que essa conduta é moral e eticamente inaceitável (DIAS; EISENBERG, 2015; MARINHO; VARELLA, 2015).

Ferreira e Persike (2018) analisam a visão do termo plágio em oito diferentes manuais de ensino da escrita acadêmica, reforçando que a conduta possui amplo

entendimento. Também observam que o problema ainda é tratado de forma superficial no Brasil, e a partir de estudo apresentam um conceito geral para plágio: cópia literal ou paráfrase sem menção da fonte. Na literatura vários autores definem e caracterizam plágio. Bonette e Vosgerau (2010, p. 18) consideram o plágio como um delito, cometido por meio do ato de “acessar e apropriar-se” de informações sem fazer citação ao uso da fonte. Pimenta (2010) descreve o plágio como um tipo de fraude, sendo este a cópia de textos e de trabalhos, em sua íntegra ou em parte, sem fazer referência ao autor. Para Diniz e Munhoz (2011) o ato é uma infração ética que desrespeita a norma de atribuição de autoria na comunicação científica. Moraes (2014) explora pontos apresentados por outros autores em suas definições, e ainda traz outras contribuições para o conceito de plágio, sendo este escolhido e considerado como referência para o presente trabalho. Para o autor plágio é a imitação fraudulenta de uma obra, protegida pela lei autoral, ocorrendo verdadeiro atentado aos direitos morais do autor. Na maioria dos casos, a conduta ocorre de parte de uma obra alheia, não de sua íntegra. Ainda segundo o autor, não existe um número mínimo de palavras, frases ou notas para definir a incidência de plágio.

É possível perceber que, mesmo com as diversas definições e formas de expressão, existe um ponto central que norteia a discussão sobre plágio. Esse ponto surge devido a questões éticas e morais, existentes no ato de conferir o reconhecimento e crédito ao autor de determinada obra. A omissão de autoria pode gerar danos para a reputação do autor que comete plágio, pois entende-se que esse autor não desenvolveu uma ideia própria e, conseqüentemente prejudica a qualidade do trabalho e o conceito da instituição (SORKIN, 2014). Entretanto, entendendo que essa prática lesa, de alguma forma o autor da obra plagiada, existem penalizações e punições para quem comete tal prática descrita na Lei de Direitos Autorais (1998), Lei nº 9.610/1998, e no Código Penal, Artigo 184, Capítulo I, que trata sobre Crimes Contra a Propriedade Intelectual onde prevê que violar os direitos de autor e os que lhe são conexos é crime cuja pena pode ser de três meses a um ano de detenção, ou multa, à reclusão, de dois a quatro anos e multa; conforme infração cometida.

A prática de plágio é comumente vista e discutida nos âmbitos ético e jurídico. Pithan e Vidal (2013) acrescentam a discussão no âmbito institucional, e reforçam que o combate a essa prática desonesta deve ser enfrentada com estratégias pedagógicas focadas na educação moral.

Tanto Claxton (2005) quanto Gray e colaboradores (2019) convergem suas opiniões ao apresentarem que estudantes, jovens pesquisadores e cientistas no início da carreira estão mais suscetíveis a cometer plágio. Os autores justificam essa conduta, entre outros motivos, devido a pressão maior para serem produtivos em busca de um grau ou avanço na carreira.

Outras justificativas indicadas pelos estudantes para cometer plágio são: falta de organização nos estudos, altas demandas de trabalhos por parte dos professores,

deficiência na formação educacional, comodidade, sensação de impunidade, pressão para conseguir boas notas, entre outras (GARSCHAGEN, 2006; DIAS, 2013).

Na visão de professores universitários da *Universitat de les Illes Balears* (UIB), Espanha, entre os principais fatores que levam os estudantes a cometerem condutas envolvendo plágio estão: a facilidade em acessar a informação pela *internet* e a sensação de impunidade e desconhecimento ao realizar trabalhos acadêmicos (SUREDA; COMAS; MOREY, 2009).

É possível encontrar na literatura diversos trabalhos que pesquisam sobre a abordagem do plágio no ambiente acadêmico. Dentre eles, destaca-se o trabalho de Veludo-de-Oliveira e colaboradores (2014), que demonstraram que cerca de 78% dos alunos de graduação e 77% dos alunos de pós-graduação da área de negócios já se envolveram em situações desonestas em sala de aula. O estudo foi conduzido de forma que os estudantes tiveram que assinalar se as assertivas apresentadas constituíam-se em comportamentos desonestos, e posteriormente indicar se já haviam realizado tais práticas.

Em outros estudos realizados com estudantes de graduação, observa-se que os estudantes tendem a reconhecer que a prática de plágio é desonesta, entretanto apresentam despreparo e falta de conhecimento pleno sobre como evitar essa prática (SILVA, 2008; GUEDES; FILHO, 2015).

Quando são questionados sobre o conceito de plágio, os estudos de Barbastefano e Souza (2007) e Fachini e Domingues (2008) apontam que os estudantes demonstram conhecimento intuitivo sobre o tema. Dias e Eisenberg (2015) reforçam essa observação a partir de entrevistas realizadas com licenciandos, e ressaltam que esse tipo de conhecimento intuitivo dificulta a detecção de plágio por parte dos professores.

Esse tipo de conhecimento intuitivo pode se dar de duas formas: conhecimento intuitivo sensível ou empírico, marcada pela singularidade do sujeito que intui se referindo ao desenvolvimento de uma ideia com base nas suas experiências pessoais, e, conhecimento intuitivo intelectual, que é o conhecimento direto e imediato referente à alguma ideia sem a necessidade de prova que parte do princípio da contradição (CHAUI, 2000).

Para evitar a perpetuação desse entendimento intuitivo por parte dos estudantes do que configura plágio, algumas universidades brasileiras como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possuem documentos que caracterizam plágio e informam sobre as penalidades para os alunos que o cometem (KROKSCZ, 2011).

Entretanto, Santana (2010) e, Marinho e Varella (2015) reforçam que a discussão sobre honestidade científica e plágio ainda não são prioridades nas instituições de ensino, e que ainda são poucas as universidades que apresentam normas claras sobre a identificação e punição do plágio em textos acadêmicos.

Sendo o plágio acadêmico um problema amplamente discutido pela comunidade científica, e que é percebido nas universidades brasileiras, aflora a busca por respostas

para certas questões: *Qual é o entendimento dos discentes e docentes do curso de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília sobre plágio? O que leva os estudantes a cometerem esse tipo de conduta? Qual é a percepção dos docentes em relação a essas práticas?* Partindo dessas inquietações o, o objetivo do presente trabalho é investigar como é percebido o plágio acadêmico sob a ótica de discentes e docentes do curso de graduação em Ciência Biológicas da Universidade de Brasília.

2 Metodologia

Buscando conhecer a percepção dos docentes e discentes do curso de Ciências Biológicas da UnB sobre plágio, o presente trabalho trata de uma pesquisa exploratória realizada na Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2019. Esse tipo de trabalho normalmente ocorre quando há pouco conhecimento sobre a temática a ser abordada (RAUPP; BEUREN, 2006), e posteriormente permite esclarecimentos sobre o tema e desenvolvimento de outros trabalhos (VENTURA, 2007).

O curso de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB) possui 832 estudantes matriculados (2019/1), sendo 377 alunos no bacharel e 455 alunos na licenciatura, de acordo com informações da coordenação do curso. Para atender as demandas curriculares desses estudantes, o Instituto de Ciências Biológicas possui sete departamentos (Biologia Celular, Botânica, Ciências Fisiológicas, Ecologia, Fitopatologia, Genética e Morfologia, Zoologia), e dois núcleos (Núcleo de Ilustração Científica - NICBio - e Núcleo de Educação Científica - NECBio) que ofertam disciplinas obrigatórias, optativas ou de módulo livre. A habilitação de bacharel pode ser concluída em oito semestres, e a licenciatura em nove semestres, podendo o estudante permanecer no curso por um limite de até quatorze semestres.

Os estudantes de graduação foram convidados a participar da pesquisa por meio de três publicações divulgadas e realizadas nas redes sociais (grupo “Biologia – UnB”, no *facebook*). Por meio de um *link* disponibilizado, os estudantes eram redirecionados para um formulário digital elaborado na plataforma “*Google Forms*”. Esse questionário foi adaptado de Chapman e colaboradores (2004), Barbastefano e Souza (2007) e Sureda, Comas e Morey (2009), contendo 18 questões objetivas e 2 questões discursivas. Em duas ocasiões, passou-se em salas de aula, durante a ministração das disciplinas “Elementos da Prática Educacional” (primeiro semestre) e “Didática das Ciências Naturais” (segundo semestre), convidando os estudantes a participarem da pesquisa.

Para enriquecer a coleta de dados, os docentes do curso de Ciências Biológicas da UnB foram convidados a participar da pesquisa. O convite para responder o questionário, adaptado de Sureda, Comas e Morey (2009), foi feito pessoalmente buscando-se inicialmente os chefes dos departamentos e pelo menos um professor dos núcleos do Instituto de Ciências Biológicas. Em dois departamentos não se obteve

disponibilidade do chefe de departamento, sendo indicado que outro professor respondesse o questionário. Em um dos núcleos, não foi possível localizar nenhum professor que pudesse responder à pesquisa.

Ao responderem os questionários, os participantes tomaram ciência de que os dados obtidos seriam utilizados e publicados nesta pesquisa por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), concordando com a publicação desde que mantido o sigilo e preservada a identidade dos respondentes.

As respostas obtidas foram sistematizadas e categorizadas segundo análise de conteúdo proposto por Bardin (2009). Esse tipo de análise permite produzir inferências de textos com o contexto social de forma objetivada, relacionando-as às condições de produção e recepção dessas mensagens (OLIVEIRA, 2008). Dessa forma, as respostas subjetivas foram agrupadas por similaridade de acordo com o conteúdo do texto, para posteriormente realizar análises e inferências sobre estas.

Para os trechos de respostas utilizados neste trabalho, visando preservar a identidade do participante, foi adotado um sistema de códigos. A primeira letra refere-se a natureza do participante, onde “E” foi utilizada para discentes e “P” para docentes. No caso dos estudantes, a segunda letra indica a habilitação no curso sendo “B” bacharel e “L” licenciatura. Posteriormente foi atribuído um número, gerado a partir da tabulação dos dados. Portanto onde lê-se “EL98” trata-se da resposta de um discente da licenciatura, e na tabela gerada, sua resposta é a de posição número 98.

3 Resultados e Discussões

O perfil dos discentes que participaram da pesquisa foi de 144 estudantes matriculados em todos os semestres do curso de graduação em Ciências Biológicas da UnB, correspondendo a 17,3% do total de estudantes do curso. Quanto à habilitação, o universo dos participantes foi constituído de 75% (108) de licenciandos e 25% (36) de bacharelados, sendo que pelo menos dez estudantes de cada semestre, em ambas habilitações, responderam ao questionário. Os respondentes representam 23,7% dos estudantes da licenciatura e 9,5% dos estudantes do bacharelado, dos quais, 63% do sexo feminino, 35% do sexo masculino e 2% optou por não responder este item, que não era obrigatório.

Quanto aos docentes, o universo dos participantes se mostrou heterogêneo. Responderam ao questionário professores que lecionam disciplinas em diferentes semestres ao longo da graduação em Ciências Biológicas, variando desde o início do curso – segundo semestre - até o final – sétimo semestre. Todos os respondentes lecionam pelo menos uma disciplina obrigatória, podendo ofertar também para os estudantes, matérias optativas ou de módulo livre. Observa-se ainda que a pesquisa contemplou docentes que possuem diversas experiências em relação ao tempo que

lecionam na universidade, desde professores que ingressaram recentemente até mais experientes.

Foram apresentadas algumas assertivas para que os estudantes assinalassem se, na percepção deles, elas correspondiam a práticas desonestas. Em todos os casos, os participantes indicaram que os exemplos se tratavam de condutas desonestas (Tabela 1). Entretanto, ao serem questionados se já haviam cometido alguma daquelas atitudes, os estudantes indicaram já terem cometido as práticas pelo menos uma vez (Tabela 2), exceto em duas assertivas.

Tabela 1. Percepção dos discentes sobre práticas de má conduta científica

Assertivas	Sim	Não
“Um estudante usa uma cópia de um exame que foi conseguido em um semestre anterior, quando sabe que o mesmo exame será aplicado em sua classe.”	91 (63,2%)	53 (36,8%)
“Após terminar um exame, um aluno pega uma cópia do dele que, supostamente, deveria estar somente com o professor.”	123 (85,4%)	21 (14,6%)
“Os alunos respondem juntos a uma prova eletrônica (via <i>internet, on-line</i>), quando foram explicitamente orientados para fazê-lo de forma individual.”	120 (83,3%)	24 (16,7%)
“Durante um exame, no qual não se permite consulta, um estudante usa apontamentos, colas ou materiais similares.”	139 (96,5%)	5 (3,5%)
“Um estudante altera uma resposta quando recebe a devolução da prova e pede ao professor que altere a nota.”	144 (100%)	0 (0%)
“Um estudante permite que outro copie suas respostas durante um exame.”	126 (87,5%)	18 (12,5%)

Tabela 2. Envolvimento dos discentes em práticas de má conduta científica

Assertivas	Sempre	Algumas vezes	Nunca
“Um estudante usa uma cópia de um exame que foi conseguido em um semestre anterior, quando sabe que o mesmo exame será aplicado em sua classe.”	7 (4,9%)	98 (68,1%)	39 (27,1%)
“Após terminar um exame, um aluno pega uma cópia do dele que, supostamente, deveria estar somente com o professor.”	4 (2,8%)	18 (12,5%)	122 (84,7%)
“Os alunos respondem juntos a uma prova eletrônica (via <i>Internet, on-line</i>), quando foram explicitamente orientados para fazê-lo de forma individual.”	8 (5,6%)	80 (55,6%)	56 (38,9%)

Assertivas	Sempre	Algumas vezes	Nunca
“Durante um exame, no qual não se permite consulta, um estudante usa apontamentos, colas ou materiais similares.”	10 (6,9%)	74 (51,4%)	60 (41,7%)
“Um estudante altera uma resposta quando recebe a devolução da prova e pede ao professor que altere a nota.”	1 (0,7%)	8 (5,6%)	135 (93,8%)
“Um estudante permite que outro copie suas respostas durante um exame.”	9 (6,3%)	89 (61,8%)	46 (31,9%)

Conquanto percebam que as assertivas apresentadas no questionário são práticas desonestas, os estudantes admitem já tê-las praticado em algum momento. Wilson (1999) estudando o comportamento de estudantes norte-americanos durante a década de 1990 observou que os discentes não consideram que a trapaça seja um problema e os docentes pouco contribuem para esse comportamento. Em resposta a esse desafio, instituições de ensino têm adotado “normas acadêmicas” destinadas a apelar para o senso ético dos discentes enfatizando valores como verdade e responsabilidade (BUGEJA, 2001). Subjacente a esse movimento está o desejo de fomentar uma “cultura de integridade” com objetivo de reduzir a trapaça dos estudantes (MCCABE; TREVINO, 2002).

Garschagen (2006) e Eisenberg (2013) apontam que entre os principais motivos indicados pelos estudantes para cometerem práticas desonestas estão a falta de tempo, a deficiência na formação educacional, a pressão para elaborar trabalhos e a disponibilidade de acesso a informações. Esse acesso pode ser realizado na *internet*, local de livre e fácil entrada, que tende a dificultar o desenvolvimento de novas ideias, principalmente no que envolve a elaboração de trabalhos científicos (GOMES, 2011).

Outra possível justificativa para que os estudantes cometam práticas desonestas, principalmente no ambiente acadêmico, é a falta de esclarecimento sobre o tema advindo da ausência de normas objetivas da instituição sobre o assunto. Visto que não se localizou documentos oficiais da Universidade de Brasília que salientem sobre práticas acadêmicas desonestas, perguntou-se aos docentes se estes conheciam alguma diretriz da Universidade no que diz respeito a esse assunto.

Os docentes que responderam ao questionário relatam desconhecimento de documentos oficiais da Universidade de Brasília que versem sobre má conduta científica. Um dos professores informou já ter procurado alguma referência da Universidade, porém não localizou (P6). Outro, relatou ter conhecimento de que há um documento em elaboração, sem dar maior detalhamento (P1).

Santana (2010), relata em seu trabalho que a honestidade científica ainda não é prioridade das instituições de ensino no Brasil no que se refere a elaboração de normas

para evitar condutas desonestas em pesquisa, atribuindo responsabilidade a essas entidades de incitar em seus pesquisadores comportamentos éticos na pesquisa, não se esgotando na transmissão de conhecimento técnico. Krokosz (2011) e Rocha et al., (2012) verificaram que há iniciativas nas universidades brasileiras para amenizar casos de má conduta científica e plágio nas publicações, embora ainda de modo incipiente. Entretanto, Marinho e Varella (2015) constataram que ainda são poucas as universidades que apresentam normas claras sobre a identificação e punição do plágio em textos acadêmicos.

Entre os diversos tipos de condutas desonestas, foi perguntado para os estudantes sobre a percepção deles a respeito de plágio. Observou-se que a maior parte dos estudantes consideram que plágio se refere ao ato de copiar, enquanto os demais trouxeram no seu conceito questões relacionadas à apropriação indevida. Outro ponto que merece destaque é que muitos estudantes trouxeram a ideia de plágio ligada à omissão de autoria. Mesmo com uma baixa diversidade nas respostas obtidas, é possível perceber diferentes níveis de estruturação das respostas.

Cópia de um conteúdo original. (EL75)

Cópia do trabalho de outra pessoa sem a devida citação. (EB58)

Cópia parcial ou integral de um trabalho que não é de sua autoria (sem citar referências). (EL68)

Quando você copia, escreve ou assina a obra de um autor, como sendo de sua autoria, sem mencioná-lo ou sem prévia autorização. (EL48)

Apropriação de uma ideia ou conhecimento construído por outro(a) autor(a) ou apropriação total da escrita do(a) mesmo(a) sem a devida citação. (EL126)

Esse fenômeno pode ser considerado homólogo ao que se observa na literatura em relação à definição de plágio. Entretanto, na literatura, essa diferença de estruturação conceitual se deve a um aumento gradual de especificidade, podendo ser encontrados desde conceitos mais generalistas (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007; FERREIRA; PERSIKE, 2018) até conceitos mais estruturados (CNPQ, 2011; MORAES, 2014).

Também é possível observar, com base nas respostas indicadas, que não existe um conceito totalmente formado pelos estudantes. Eles indicaram respostas com base em uma percepção intuitiva sobre o assunto, advindas de um conhecimento popular. Essa percepção vai ao encontro da visão de intuição sensível ou empírica, proposta por Chaui (2000), que relaciona o conhecimento adquirido ao longo do tempo com as experiências pessoais vividas. Esse entendimento empírico por parte dos estudantes, segundo Dias e Eisenberg (2015), dificulta a detecção de plágio e as orientações sobre ele por parte dos professores. Na literatura é possível encontrar trabalhos onde os estudantes também

apresentaram definições intuitivas para conceituar plágio (BARBASTEFANO; SOUZA, 2007; DOMINGUES, 2008; SILVA; FACHINI; GUEDES; FILHO, 2015).

Embora não apresentem uma definição conceitual formada, é importante ressaltar que alguns estudantes compreendem a importância de prestar reconhecimento ao autor original das obras produzidas. É com base nesse fenômeno que emerge discussão sobre o conceito de plágio, no ato de conferir o reconhecimento e crédito ao autor de determinada obra (MORAES, 2014; SORKIN, 2014).

A literatura apresenta diversos conceitos para plágio, da mesma forma não há consenso sobre as diferentes formas em que ele pode se apresentar durante a elaboração de trabalhos científicos (DOMINGUES, 2012; SPINAK, 2014). Ao serem questionados sobre essas diferentes formas, apenas 23% dos discentes indicaram saber diferenciar tipos de plágio. Esse resultado reforça o encontrado no questionamento anterior, pois não sabendo formular um conceito conciso para plágio, surge a dificuldade de saber diferenciar formas de cometer esse ato.

Apesar de determinados estudantes indicarem saber diferenciar tipos de plágio, ao analisar as respostas apresentadas, considerando a perspectiva de Sanchez e Innarelli (2012), observa-se que alguns não sabem de fato discernir entre essas formas. Considerando as quatro modalidades de plágio definidas por Sanchez e Innarelli (2012) - autoplágio, autoria fantasma, plágios literários e plágios de conteúdo - observa-se que nas respostas dadas há predominância de ideias relativas a plágios literários ou de conteúdo, destacando-se no plágio literário a menção a cópias integrais ou cópias parciais.

É possível se plagiar ao copiar literalmente, ao se copiar parcialmente, ao entender o conceito e o expor como seu. (EB19)

Cópia total ou parcial de um trabalho sem referenciar o autor. (EB82)

Autoplágio, que é a cópia de sua própria obra como se fosse a primeira. Plágio integral, que é cópia total de uma obra. Plágio parcial, copiar partes de uma obra. (EL 91)

Essa tendência de entendimento e percepção vai ao encontro do que os docentes do curso de Ciências Biológicas da UnB observam nos estudantes. Quando questionados se já haviam se deparado com casos de plágio entre os estudantes, 55% relatam que sim, indicando que o modo mais comum dessa prática se apresentar é por meio de cópias de trechos de trabalhos, bem como omissão de autoria.

Observa-se ainda que os estudantes e professores frisam em suas respostas a importância de conferir créditos aos autores dos trabalhos científicos, no entanto, não fazem menção à inserção de autores que não participaram efetivamente e de modo significativo da obra, o que configura também uma forma de plágio: a autoria fantasma.

Perguntado aos discentes se já haviam cursado alguma disciplina na qual o professor abordou valores éticos e morais, ou falou sobre plágio, mais da metade dos estudantes (65,3%) indicaram que “sim”. Destes, 88,5% afirmaram que o assunto foi abordado em disciplinas obrigatórias. Esses dados convergem com as informações fornecidas pelos docentes do curso, uma vez que 88,8% afirmam abordar sobre a temática nas disciplinas que lecionam.

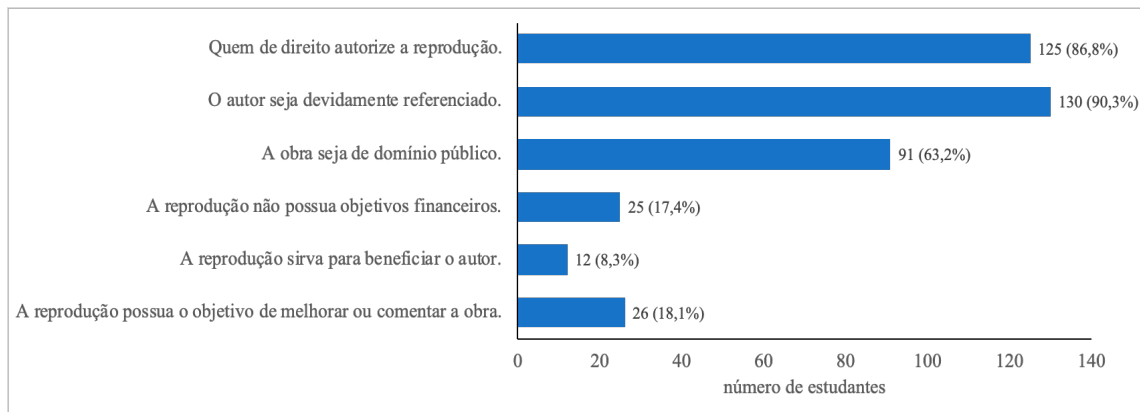
Uma possível solução para minimizar a incidência de plágio no meio acadêmico é abordar sobre o assunto em sala de aula (BARBASTEFANO; SOUZA, 2007; DOMINGUES, 2008; SILVA; SOUZA-DOMINGUES, 2009; FACHINI; GUEDES; FILHO, 2015), pois essa atitude permite reflexão sobre o tema contribuindo para esclarecê-lo. Entretanto, nesta pesquisa observa-se que, mesmo abordando essa questão em disciplinas obrigatórias ao longo da graduação, os estudantes apresentam dificuldades para definir plágio e diferenciar formas desta prática, não impedindo sua ocorrência. Surge então o questionamento: por que isso acontece?

Ferreira e Persike (2014) analisando as concepções de plágio da Universidade de São Paulo (USP), observaram que o foco da abordagem acerca do plágio na instituição é indireto e normativo. Muitas vezes, o ensino privilegia apenas as normas de citação da Associação Brasileira de Normas Técnicas, como se isto fosse suficiente para evitar a prática de plágio. Pouco se fala sobre suas definições, pressupondo-se que os estudantes já saibam o necessário sobre o assunto para não cometer essa prática (FERREIRA; PERSIKE, 2014).

Dessa forma, pressupõe-se que a abordagem sobre a temática de má conduta científica e plágio acontece de modo superficial, dificultando a assimilação do conteúdo pelo estudante, que não se apropria do conhecimento de forma suficiente para não praticá-lo. Os professores reconhecem a importância de se tratar sobre plágio em sala de aula, porém não ensinam como evitá-lo.

Buscando identificar o conhecimento dos estudantes sobre a legislação de direitos autorais em vigor (Lei de Direitos Autorais, Lei nº 9.610/1998), foi perguntado a eles sobre os critérios para a reprodução de obras intelectuais (Figura 1). Nessa pergunta os estudantes poderiam marcar mais de uma opção, pois a legislação permite a reprodução de obras intelectuais quando quem de direito a autorize, e quando a obra é de domínio público.

Figura 1. Percepção dos discentes sobre os critérios para a reprodução de obras intelectuais



A alternativa mais assinalada pelos estudantes foi “O autor seja devidamente referenciado”, correspondendo a 90,3%. Tal afirmação só poderia ser considerada correta caso a reprodução ocorresse em forma de citação direta, condizendo com um pequeno trecho da obra e não com a obra como um todo (WILLINGTON; OLIVEIRA, 2002). Segundo a literatura essa alternativa é comumente mais assinalada (BARBASTEFANO; SOUZA, 2007; DOMINGUES, 2008; SILVA, SOUZA DOMINGUES, 2009; FACHINI; GUEDES; FILHO, 2015), entretanto, nesses trabalhos a opção “Quando quem de direito autorize a reprodução” sempre é a mais indicada pelos participantes. Os autores também descrevem a outra alternativa correta, “Quando a obra for de domínio público”, em terceiro lugar em porcentagem de marcações.

Ainda no que diz respeito à lei brasileira sobre de plágio, considerando o Código Penal (BRASIL, 1940), 79,2% dos estudantes informaram que essa prática configura crime, 16% não souberam opinar, 4,2% entendem ser contravenção e 0,7% ofensa civil. Isso mostra que os estudantes reconhecem que o plágio é uma transgressão, da mesma forma que a má conduta científica, abordada em questão anterior. Entretanto, Barsbastefano e Souza (2007) encontraram resultados divergentes em seu trabalho, onde mais da metade dos estudantes questionados caracterizaram plágio como “Contravenção” ou “Ofensa Civil”. Em contrapartida, o trabalho de Guedes e Filho (2015) mostra que todos os estudantes do curso de odontologia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no ano de 2013, demonstraram ter conhecimento que segundo a legislação a prática de plágio é considerada crime e concordam com a legislação.

Considerando que a legislação trata a prática de plágio como crime, foi perguntado aos estudantes sobre a opinião dos mesmos em relação às possíveis penalidades acadêmicas aplicadas, caso um aluno fosse pego envolvido em um comportamento de plágio.

Os resultados indicam que não há consenso sobre as medidas a serem adotadas, pois 45% dos estudantes se posicionam pela aplicação direta de punição - anulação

do trabalho e atribuição de nota zero” e “reprovação direta do aluno na disciplina” - enquanto que 55% indicam que se deve ponderar as medidas ou penalizações a serem adotadas - “cada caso é um caso, o caso deveria ser levado para o colegiado de graduação deixando os professores decidirem as medidas a serem tomadas” e “outros”. Destes, apenas dois estudantes marcaram a opção “outros”, e apresentaram sugestões sobre as medidas que poderiam ser tomadas quando ocorrer plágio:

Deve ser conversado com o(a) aluno (a) para que seja explicado a ele (a) que partes de seu trabalho estão sendo consideradas plágio e dado um tempo para que seja feita as devidas modificações, caso não ocorram, aí sim, atribuída nota 0. (EL126)

Esse aluno está ciente do que é plágio? Acho que muitas pessoas sabem o que é um plágio grande, porém não sabe pequenos plágios. Acho que deveriam ser retirados pontos e mostrar o erro ao aluno. Caso se repita, deverá anular a nota do trabalho. (EL79)

Na opinião dos docentes, exceto no caso da citação abaixo, as punições a serem aplicadas no caso de estudantes que cometem plágio devem ser primariamente educativas, dando chance para correção da atividade. Em reincidência, passariam a ser punitivas levando até a anulação do trabalho proposto. Em ambos os casos, as medidas adotadas variam em função da gravidade de exposição do ato.

A minha postura ao perceber o plágio consiste em não avaliar o texto plagiado, dessa forma, o aluno perde a oportunidade de pontuar na questão. (P7)

O trabalho de Vasconcelos (2007) mostra que periódicos internacionais tendem a ser rigorosos, estabelecendo uma política de “tolerância zero” em relação ao plágio. Autores que forem pegos cometendo essa prática podem ser bloqueados em futuras submissões. Já o código de boas práticas científicas elaborado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, 2011), estabelece dois tipos de medidas: corretiva e punitiva, a depender da gravidade da prática desonesta adotada. Dentre as medidas corretivas, está a exigência de correção dos registros e relatos das pesquisas relacionadas às más condutas. Nas medidas punitivas está prevista a repreensão, suspensão temporária de solicitação dos recursos da FAPESP e devolução dos recursos gastos com a pesquisa objeto da má conduta investigada.

Foi perguntado tanto aos discentes quanto aos docentes a percepção deles sobre as causas a que se podem ser atribuídas a prática de plágio dentre os estudantes. Os discursos apresentados foram organizados em 5 categorias adaptadas de Sureda, Comas e Morey (2009). São elas: a) comportamentos relacionados aos professores,

b) comportamentos relacionados aos estudantes, c) comportamentos relacionados a universidade, d) comportamentos devido ao desenvolvimento das tecnologias, e, e) determinados valores sociais.

As respostas dos docentes foram homogêneas, indicando que no ponto de vista dos professores, os estudantes cometem plágio principalmente por ignorância em relação ao assunto. Essa característica pode estar associada tanto ao professor, que aborda o assunto em sala de aula sem profundidade, quanto em relação ao comportamento do estudante, que não demonstra interesse nas normas para a execução do trabalho.

Em contrapartida, o posicionamento dos estudantes sobre a prática de plágio, revela que em sua maioria eles acreditam que o plágio acontece por questões intrínsecas, relacionadas à comodidade, à preguiça e à falta de interesse. Contudo, alguns estudantes aprofundaram-se em suas respostas.

Em relação ao comportamento dos estudantes, eles reconhecem algumas de suas limitações e fragilidades, tanto pessoais quanto de aprendizado, o que levaria à prática do plágio no ambiente acadêmico.

Eu acredito que seja por falta de organização ou dedicação em certos aspectos. É muito comum os alunos deixarem as matérias e trabalhos acumularem e acabam recorrendo ao plágio para tentar conseguir alguma nota de última hora, por isso eu acho que a nota do trabalho deveria ser anulada (...). (EB26)

Creio que em algumas situações o aluno não tenha ciência que está cometendo plágio, vide concurso de batas do “interbio” desse ano. No entanto, acredito que nos falte conscientização acerca do assunto (...). (EB78)

Os estudantes atribuem também uma parcela de responsabilidade aos professores, que muitas vezes falham no processo de orientação aos estudantes e no ensino da temática, o que corrobora para que a prática continue sendo recorrente.

Por que não existe matéria que ensinem como produzir trabalhos científicos e suas regras durante a graduação, pois tão importante quanto matéria obrigatória de TCC deveria ser matéria que mostrem como um deve ser escrito e as regras que o mesmo deve seguir para evitar problemas como plágio. No máximo os alunos tem alguns aconselhamentos durante disciplinas esparsas durante o que não serve para muita coisa a não ser um mero aconselhamento. (EL93)

Falta de orientação! Fiz um estágio uma vez, e o professor não acompanhava minhas atividades. Quando precisei escrever o

relatório final, não sabia muito bem como referenciar e acabei cometendo plágio. (EB140)

Entretanto, a responsabilidade não é apenas dos professores ou dos estudantes. Na percepção dos discentes, o sistema de avaliação implementado na Universidade também contribui para que os estudantes cometam plágio. Segundo eles, preocupa-se muito mais com a nota final do que com os processos de aprendizagem, contribuindo para que práticas desonestas como a “cola” aconteçam, ou se minimiza a importância da elaboração de trabalhos acadêmicos, sendo estes realizados de forma negligente.

Porque o sistema não funciona e desde sempre somos ensinados a “fazer da forma fácil”. É algo cultural, mas não deixa de ser um problema. (EB 9)

Por que o método avaliativo não incentiva o aluno a estudar, mas sim, passar numa prova que nivela todos os alunos como iguais independente de suas dificuldades pessoais. (EL83)

No que se refere ao desenvolvimento das tecnologias, a facilidade de acesso a publicações e trabalhos científicos por meio da *internet*, possibilita ao estudante a obtenção de respostas de modo quase que instantâneo. Dessa forma, parece ser muito mais fácil pesquisar, copiar e colar uma ideia do que desenvolver a reflexão e o pensamento crítico, isto pode ser refletido na elaboração dos trabalhos acadêmicos, configurando plágio.

Porque nossa geração está aprisionada com a ideia de respostas rápidas. Dessa forma, pensa-se cada vez menos e leia-se também. Tudo é, de alguma forma, copiado e colado muito rapidamente em um computador. Com essa prática que vem crescendo cada dia mais, juntamente com o avanço da tecnologia, o plágio acaba por ser uma consequência que é intrínseca nesse ato. (EL39)

Por fim, os estudantes também apontam que a prática do plágio no ambiente acadêmico se deve a valores sociais, na prática histórica associada à falta de rigor e punição ao longo da formação do indivíduo. O acobertamento de comportamentos desonestos transpassa a academia iniciando-se na formação básica. Existe uma tendência de se ignorar esse tipo de comportamento, abrindo brechas para que o plágio ocorra.

Porque há uma cultura no Brasil de não se respeitar a produção intelectual de outra pessoa. As instituições, na maioria das vezes fecha os olhos para essa prática, que acaba se perpetuando. Além disso, são pouquíssimos os profissionais que fazem valer a regra, ou

que se dão ao trabalho de verificar se aquele trabalho possui plágio ou não. Estudei fora do Brasil, e nos EUA as universidades possuem sistemas integrados, por onde os alunos submetem os trabalhos, e o próprio sistema já faz a análise e indica se há plágio entre os alunos da turma e/ou de textos disponíveis online. (EL45)

Acho que é uma prática carregada por anos e anos. Essa prática não acontece só na universidade, ela vem desde o ensino médio, desde o fundamental... A gente se acostuma a ir pelo caminho mais fácil. Claro que não é desculpa nenhuma mas na vida universitária as vezes a cola é a única alternativa pra você fazer a prova de determinada matéria, porque o professor simplesmente quer que você decore todos os nomes de processos e afins sendo que o conteúdo é gigantesco, sua nota, seu IRA e sua vida acadêmica estão em jogo, além das outras matérias. Claro que é errado, mas assim como no ensino médio e fundamental, é o caminho mais fácil. (EL59)

Dessa forma, é possível perceber que os estudantes reconhecem que a prática de plágio é uma conduta desonesta, entretanto encontram diversas justificativas em diferentes campos para cometerem tal prática. O problema também está no âmbito institucional, seja pela ausência de regulamentação de normas oficiais da Universidade para tal conduta ou no que se refere à abordagem do tema no curso de Ciências Biológicas UnB. A questão vai além da esfera acadêmica e reflete a limitação pessoal na compreensão do que seja plágio e conseqüentemente na elaboração dos trabalhos.

4 Considerações finais

O presente estudo permitiu verificar a percepção sobre plágio no ponto de vista de discentes e docentes do curso de graduação em Ciência Biológicas da Universidade de Brasília, de forma a contribuir com a discussão sobre o tema no que se refere a essa prática no ambiente acadêmico.

Os estudantes que participaram da pesquisa sabem identificar, a partir de exemplos contextualizados, a existência de práticas e condutas desonestas no ambiente acadêmico. Entretanto, acabam se envolvendo com esse tipo de comportamento, pois muitas vezes julgam que essas atitudes não são um problema grave.

No que se refere ao conceito de plágio, os discentes demonstram dificuldade para elaborar uma definição concisa, indicando que o termo pode ser utilizado como sinônimo para “cópia”. Adicionalmente, ressaltam que o plágio também está ligado com a omissão de autoria, caracterizando-o como um comportamento desonesto e que deve ser evitado.

Tanto discentes, quanto docentes, reconhecem que valores éticos e morais, e plágio, são temas abordados e discutidos em sala de aula. Essa explanação sobre o assunto se dá em disciplinas obrigatórias ao longo do curso de graduação.

Caso seja observada a prática de plágio em atividades propostas, estudantes e professores acreditam que deve-se ponderar as medidas acadêmicas a serem aplicadas, a depender da gravidade de exposição do ato. A primeira atitude a ser tomada envolve o diálogo, indicando para o estudante que este cometeu uma prática inadequada, dando chance de remissão. Em caso de reincidência, as consequências envolvem ações disciplinares e punitivas.

Ressalta-se que este trabalho é uma pesquisa exploratória realizada em um curso de graduação da Universidade de Brasília. Para que se obtenha um panorama geral e mais fidedigno sobre a percepção de plágio no ambiente acadêmico, faz-se necessário ampliar a discussão e a investigação sobre essa conduta e seus impactos na sociedade. Assim, esse tipo de pesquisa deve ser replicado em mais cursos e instituições de ensino superior.

As consequências do plágio e demais comportamentos antiéticos, atrapalham o desenvolvimento e a construção do conhecimento científico. Possuem também, influência negativa no comportamento e desenvolvimento humano, pois implica em transgressões de valores éticos e morais construídos ao longo da história da civilização humana.

Referências Bibliográficas

- ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. *Rigor e Integridade na Condução da Pesquisa Científica - Guia de Recomendações de Práticas Responsáveis*. 2013. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/6306756/rigor-e-integridade-na-conducao-da-pesquisa-cientifica>. Acesso em: maio 2019.
- BARBASTEFANO, Rafael Garcia; SOUZA, Cristina Gomes. Percepção do conceito de plágio acadêmico entre alunos de engenharia de produção e ações para sua redução. *Revista Produção Online*, v. 7, n. 4, 2007.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições70, 2009.
- BONETTE, Luzia Maristela Cabreira; VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos. O plágio por meio da internet: uma questão ética presente desde o ensino médio. *Educação em Revista*, v. 11, n. 2, p. 7-22, 2010.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 2848, de 7 de dezembro de 1940. *Código Penal*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: maio 2019.
- BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. *Lei de Direitos Autorais*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: maio 2019.
- BUGEJA, Michael J. Collegiate copycats. *Editor & Publisher*, v. 134, n. 46, p. 22-22, 2001.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. In: *Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários*. 2011. p. 144-144.
- CHAPMAN, Kenneth J., DAVIS, Richard, TOY, Daniel, WRIGHT, Lauren. Academic integrity in the business school environment: I'll get by with a little help from my friends. *Journal of Marketing Education*, v. 26, n. 3, p. 236-249, 2004.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- CLAXTON, Larry. Scientific authorship Part 1. A window into scientific fraud? *Mutation Research*, v. 589, n. 1, p. 17-30, 2005.
- CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). *Relatório da Comissão de Integridade de Pesquisa do CNPq*. 2011. Disponível em: <http://www.cnpq.br/documents/10157/a8927840-2b8f-43b9-8962-5a2ccfa74dda>. Acesso em: maio 2019
- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Orientações Capes - Combate ao plágio*. 2011. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/OrientacoesCapes_CombateAoPlagio.pdf. Acesso em: maio 2019.
- DIAS, Wagner Teixeira; EISENBERG, Zena Winona. Vozes diluídas no plágio: a (des) construção autoral entre alunos de licenciaturas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 26, n. 1, p. 179-197, 2015.
- DINIZ, Debora; MUNHOZ, Ana Terra Mejia. Cópia e pastiche: plágio na comunicação científica. *Argumentum*, v. 3, n. 1, p. 11-28, 2011.

- DOMINGUES, Ivan. A questão do plágio e da fraude nas humanidades. *Revista Ciência Hoje*, v. 49, n. 289, p. 36-41, 2012.
- DIAS, Wagner Teixeira; EISENBERG, Zena Winona. Vozes diluídas no plágio: a (des) construção autoral entre alunos de licenciaturas. *Pro-Posições*, v. 26, n. 1, p. 179-197, 2015.
- FACHINI, Gilson Jobber; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza. Percepção do plágio acadêmico entre alunos de programas de pós-graduação em administração e contabilidade. In. XI Seminários em Administração - FEA/USP, p. 1-14, 2008.
- FANELLI, Daniele. How many scientists fabricate and falsify research? A systematic review and meta-analysis of survey data. *PloS one*, v. 4, n. 5, p. e5738, 2009.
- FERREIRA, Marília Mendes; PERSIKE, Alissa. O tratamento do plágio no meio acadêmico: o caso USP. *Signótica*, v. 26, n. 2, p. 519-540, 2014.
- FERREIRA, Marília Mendes; PERSIKE, Alissa. As concepções brasileiras e anglófona de plágio: um estudo preliminar. *Signótica*, v. 30, n. 2, p. 149-181, 2018.
- GARCIA, Laís Lorena Barbosa. *Percepção dos estudantes de Biblioteconomia da Universidade de Brasília sobre plágio acadêmico*. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia), Universidade de Brasília, 2016.
- GARSCHAGEN, Bruno. *Universidade em tempos de plágio*. EAD-L [lista de discussão na internet]. Campinas: Unicamp/Centro de Computação, 2006.
- GOMES, Livia Letícia Zanier. Internet: instrumento de plágio ou instrumento de pesquisa?. *Revista Triângulo*, v. 4, n. 1, 2011.
- GRAY, Gregory C.; BORKENHAGEN, Laura K.; SUNG, Nancy S.; TANG, Shenglan. A Primer on Plagiarism: Resources for Educators in China. *Change: The Magazine of Higher Learning*, v. 51, n. 2, p. 55-62, 2019.
- GUEDES, Diego-Oliveira; FILHO, Douglas Leonardo Gomes. Percepção de plágio acadêmico entre estudantes do curso de Odontologia. *Revista bioética* (Impressa), v. 23, n. 1, p. 139-48, 2015.
- KNOBEL, Marcelo. Fraudes sacodem a comunidade científica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 55, n. 3, p. 17-18, 2003.
- KROKOSZ, Marcelo. Abordagem do plágio nas três melhores universidades de cada um dos cinco continentes e do Brasil. *Revista brasileira de educação*, v. 16, n. 48, p. 745-818, 2011.
- MARINHO, Maria Edelvacy Pinto; VARELLA, Marcelo Dias. Plágio em trabalhos acadêmicos: propostas de políticas institucionais de integridade. *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 353 - 365.
- MCCABE, Donald; TREVINO, Linda Klebe. Honesty and honor codes. *Academe*, v. 88, n. 1, p. 37, 2002.
- MORAES, Rodrigo. Plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual. *Diálogos Possíveis*, v. 3, n. 1, p. 91-109, 2014.
- OLIVEIRA, Denize Cristina de. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista enfermagem UERJ*, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008.

- OLIVERIA, Jorge Dorico Pinheiro. *Entendimento de plágio na universidade: percepção dos professores do curso de Ciências Contábeis*. Monografia (Bacharelado em Ciências Contábeis). Universidade de Brasília, 2013.
- PÁDUA, Gabriela Cristina Cantisani; GUILHEM, Dirce. Integridade científica e pesquisa em saúde no Brasil: revisão da literatura. *Revista Bioética*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 124-138, 2015.
- PIMENTA, Maria AA. Fraude em avaliações na visão de professores e de estudantes: uma reflexão sobre formação profissional e ética. *Revista Profissão Docente*, v. 10, n. 22, p. 124-138, 2010.
- PITHAN, Livia Haygert; VIDAL, Tatiane Regina Amando. O plágio acadêmico como um problema ético, jurídico e pedagógico. *Direito & Justiça*, v. 39, n. 1, 2013.
- RAUPP, Fabiano Maury; BEUREN, Ilse Maria. *Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências*. Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2006.
- ROCHA, Elizabeth; PEVIANI, Claudia Tinós; PRETTO, Thiago Rafael; SILVA, Willian Martins; GULARTE, Neylson. *Deteção Automática de Plágio em Ambiente Educacional Virtual*. In: Anais do Workshop de Desafios da Computação Aplicada à Educação. p. 120-127, 2012.
- SANCHEZ, Otavio Próspero; INNARELLI, Patricia Brecht. Desonestidade acadêmica, plágio e ética. *GV Executivo*, v. 11, n. 1, p. 46-49, 2012.
- SANTANA, Clarissa Cerqueira. O tema da integridade científica nas pós-graduações em saúde no Brasil. *Revista Bioética*, v. 18, n. 3, p. 637-44, 2010.
- SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. Sobre a integridade ética da pesquisa. *Ciência e Cultura*, v. 69, n. 3, p. 4-5, 2017.
- SILVA, Obdália Santana Ferraz. Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 38, p. 357-368, 2008.
- SILVA, Aletéia Karina Lopes; SOUZA DOMINGUES, Maria José Carvalho. Plágio no meio acadêmico: de que forma alunos de pós-graduação compreendem o tema. *Perspectivas Contemporâneas*, v. 3, n. 2, 2009.
- SORKIN, David E. Practicing Plagiarism. *Illinois Bar Journal*, v. 81, p. 487, 1993.
- SPINAK, Ernesto. *Ética editorial: como detectar o plágio por meios automatizados*. Scielo em Perspectiva, 2014.
- SUREDA, Jaume; COMAS, Rubén; MOREY, Mercè. Las causas del plagio académico entre el alumnado universitario según el profesorado. *Revista iberoamericana de educación*, v. 50, n. 1, p. 197-220, 2009.
- SUZUKI, E. UnB promove ações de combate ao plágio. UnB Notícias, 2015. Disponível em: <https://noticias.unb.br/publicacoes/112-extensao-e-comunidade/212-unb-promove-acoes-de-combate-ao-plagio>. Acesso em: abril 2019.
- VASCONCELOS, Sonia MR. O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas. *Ciência e Cultura*, v. 59, n. 3, p. 4-5, 2007.

VELUDO-DE-OLIVEIRA, Tania Modesto; AGUIAR, Fernando Henrique Oliveira; QUEIROZ, Josimeire Pessoa; BARRICHELO, Alcides. Cola, plágio e outras práticas acadêmicas desonestas: um estudo quantitativo-descritivo sobre o comportamento de alunos de graduação e pós-graduação da área de negócios. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 15, n. 1, p. 73-97, 2014.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. *Revista SoCERJ*, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VILAÇA, Murilo. Más condutas científicas uma abordagem crítico-comparativa para informar uma reflexão sobre o tema. *Revista brasileira de educação*, v. 20, n. 60, p. 245-269, 2015.

WILLINGTON, João; JAURY, Oliveira – *A Nova Lei Brasileira de Direitos Autorais* – 2a ed, revista e atualizada-Editora Lúmen Júris. Rio de Janeiro, 2002.

WILSON, Robin. Colleges Urged to Better Define Academic Integrity and to Stress Its Importance. *Chronicle of Higher Education*, v. 46, n. 8, p. A18-A18, 1999.